

190 - 425

21

Manual para *bori-bori* seguro

Frágeis para as doenças sexuais, os índios recebem camisinhas e folhetos em sua própria língua para saber como evitá-las

Lauro Rutkowski
Da equipe do Correio

Os índios rikbaktsa já aprenderam: quem faz muito *bori-bori* fora de casa tem que usar camisinha. Desde 1996, os índios dessa etnia do Mato Grosso tem aprendido a utilizar o preservativo em suas "escapadinhas" nas cidades dos brancos. O resultado pode ser avaliado em números: apenas seis casos de doenças sexualmente transmissíveis no último ano e nenhum registro de Aids.

Os já prevenidos rikbaktsa vão ganhar mais um aliado na luta contra as doenças provocadas pelo sexo inseguro: um manual em sua própria língua, ensinando como driblar a Aids, a gonorréia, a sífilis e todas as outras enfermidades relacionadas ao *bori-bori* (sexo).

Será a primeira de uma série de publicações planejada pelos técnicos do Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids do Ministério da Saúde em língua indígena. O manual será distribuído para índios que trabalham como agentes de saúde junto às comunidades. Folhetos e outros informativos já foram publicados por organizações não governamentais e por secretarias municipais e estaduais de saúde para orientação dos indígenas em geral. Trinta e um projetos de prevenção de Aids foram executados em áreas indígenas brasileiras desde 1996.

APELIDO

Nos últimos dois anos, o Núcleo de Apoio da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Juína tem sido a parada obrigatória dos índios sexualmen-

te mais ativos. É lá que ficam as camisinhas e a enfermeira Odília Oviedo Ramirez. Brincalhona, ela usa termos simples para mostrar a importância do preservativo. "Digo que tem que vestir o peruzinho, porque senão a doença pega mesmo", ensina.

O apelido peruzinho pegou entre os 790 índios atendidos pelo posto de Juína. Nasceu em 1997, quando o Ministério da Saúde botou na rua uma campanha que tinha a ave como personagem principal.

O coordenador de DST/Aids do Ministério da Saúde, Pedro Chequer, diz que a Aids ainda não é um problema entre os indígenas, mas pode se tornar com o contato cada vez mais freqüente com os brancos. "Os índios constituem uma população vulnerável e sob risco, porque muitas vezes não associam as causas da doença com determinado comportamento", analisa.

Dados coletados em regime ainda precário mostram que houve 25 índios que desenvolveram a Aids nos últimos três anos. Doze morreram. A chefe do departamento de saúde da Funai, Ana Costa, diz que os índios são bastante liberados sexualmente, mas enfrentam grandes dificuldades quando têm que falar do assunto.

Ela conta que muitas etnias não têm a mesma desenvoltura dos rikbaktsa em encarar o preservativo. Envergonhados por ter que pedir camisinhas a quem quer que seja, os waiâpi, do Amapá, decidiram colocá-las numa caixa próxima dos objetos comuns da aldeia, como o rádio. "Eles pegam escondidos, sem ter que se expor, e ficam mais tranquilos", disse.